

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|

Lucio Costa

Identidade Cultura Brasília

“Assim, compreendo o ponto de vista daqueles que entendem que a sociedade evoluída prescinde de símbolos e gostariam que as capitais fossem cidades, diluídas e terra-a-terra, despojadas de qualquer vislumbre de grandeza. Mas me permito discordar. Imanente ou transcendente, há uma intrínseca grandeza no homem, ainda quando aparente a sua negação, como num símbolo de repouso - a rede - que propus a Jayme Maurício para a XIII Trienal de Milão.” (Costa, 1982).



□ CLÁUDIO QUEIROZ

O passamento de Lucio Costa, no dia 13 de junho de 1998, aos 96 anos, permite a reflexão sobre questões arquiteturais que envolveram extensa e intensamente o urbanista por intermédio do qual cristalizou-se a história da arquitetura no Brasil.

Hoje a sua referência fundamental para pesquisa está em *Lucio Costa: registro de uma vivência* (Empresa das Artes e Editora UnB, São Paulo, 1995), uma contribuição à cultura universal, transmitida através da arquitetura brasileira. O conteúdo do livro é como água cristalina bebida na fonte. A documentação foi compilada na presença do arquiteto, física e intelectualmente ativo, durante uma década, com a dedicação competente da filha Maria Elisa Costa, também arquiteta.

O livro é como um “memorial”, que o jargão dos arquitetos qualifica como um “descritivo”, acompanhado dos desenhos de concepção, importante para arrematá-los conceitualmente; publicado três anos antes de sua morte, concorre para esclarecer aspectos de sua obra ainda insuficientemente conhecidos, além de sua intelectualidade sublimada pela mais absoluta discrição pessoal. A originalidade da publicação emana da própria



personalidade de Lucio Costa. A condição autobiográfica aparece através das crônicas e publicações de diferentes épocas, mas suas memórias não se revelam em ordenação cronológica, embora haja um encadeamento apropriado; alternando a temática projetual e teórica da arquitetura com lembranças familiares, fotografias e fatos históricos, esse registro guarda fundamentalidades e requintes do seu pensamento. O livro facilita a compreensão sobre a vivência despojada, que nos últimos anos prestou-se a interpretações, algumas vezes surpreendentes.

O tempo trouxe a fragilização inexorável, embora o estado de espírito se mantivesse intacto, de par com a consciência irradiante de quem contribuiu para a afirmação cultural de uma nova civilização. Uma tal condição preservou sua complacência intelectual algumas vezes inatingível, mas sempre elevada em relação à mentalidade trivial. O livro pode franquear a compreensão de sua existência privilegiada e de sua vivência intensa, usufruídas como humanista e arquiteto. Em se tratando de uma personalidade assim, caberiam exegeses e cortes epistemológicos, daí a fundamentalidade da publicação.

Nascido dois anos após o início do século, faleceu dois anos antes do fim; na observação da filha arquiteta, “um homem centrado no século”: 1902/1998, simétrico! Clássico! Moderno, nunca um modernista! Uma diferença esclarecida, desde 1934, em função da condição inerente ao arquiteto, por natureza contemporâneo e precursor.

Mas antes disso superou uma manifesta alienação do pós-guerra, época em que desenhava casas de “estilo”, quando, em 1929, tomou conhecimento de uma residência em São Paulo planejada por Gregori Warchavchik, associando-se então a este pioneiro. Projetaram residências burguesas e os apartamentos proletários da Gamboa, experimentando cores pela primeira vez na nova arquitetura.

Lucio Costa conscientizou-se da transcendência arquitetural pela ótica do



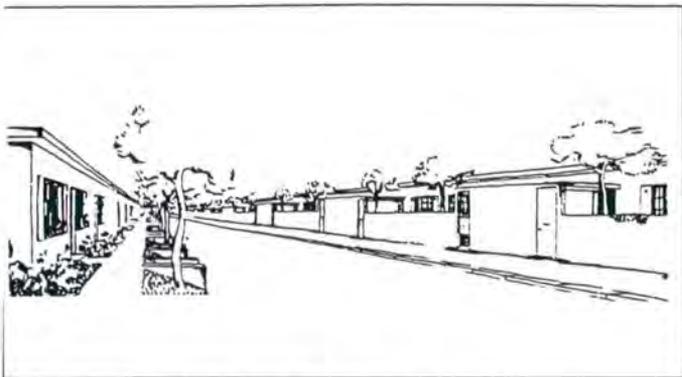
Tanto Monlevade quanto o Parque Guinle (1940), estão na origem das superquadras de Brasília: o urbanismo aberto, estendendo a escala monumental para preservar a natureza do céu e do horizonte, entremeando a escala residencial e harmonizando a proporção do artefato com a escala do lugar

humanismo, considerando a amplitude e a complexidade de uma das raras áreas que manteve sua integridade: o conhecimento teórico, a razão prática e a apreciação estética, uma formação básica conectada às artes, às ciências exatas e às humanas.

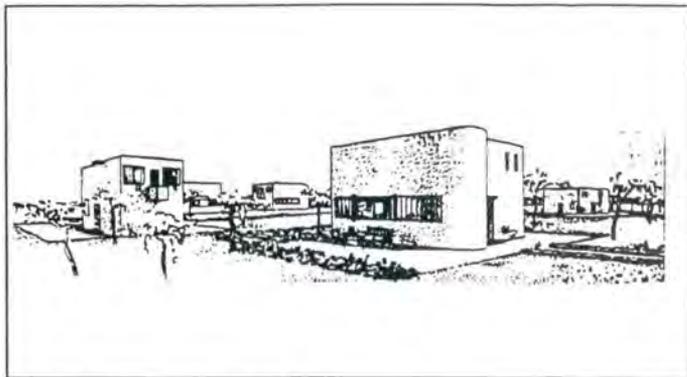
Um precursor, dedicou-se simultaneamente à institucionalização do instrumento de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e à criação do curso de pós-graduação do Instituto de Artes na antiga Universidade do Distrito Federal, tendo como inspiração as “razões da nova arquitetura”, como no título do texto-chave para compreensão da grande mudança. Entre 1922 e 1936 situou-se o período definitivo para o norteamento da arquitetura brasileira com sua identidade própria e feições estéticas peculiares, provavelmente conseqüentes da inelutável fusão étnico-cultural. No caso, o “memorial-registro” guarda para

a posteridade a compreensão sobre os aspectos significantes encontrados nas raízes históricas, distinguindo os valores permanentes e sintetizando o presente para a prospecção do futuro. Portanto, de início concorreram a sensibilidade intuitiva e a formação teórica para a rápida assimilação das novas concepções tecnológicas que superaram o ecletismo, ou *beaux-arts*, na vertente acadêmica persistente desde a metade do século XIX.

A década de 30 foi fundamental para a arquitetura brasileira sobretudo pela realização do Ministério da Educação e da Saúde em 1936 e do Pavilhão do Brasil para a Feira Mundial de Nova Iorque em 1939. A condução e o caráter de Lucio Costa, como líder, evidenciaram a militância reconhecida e o desprendimento incomum, qualidades evidenciadas em diversas ocasiões. O antigo Ministério da Educação, atual Palácio Capanema, uma obra pioneira do movimento moderno que trazia pela primeira vez, nesta escala, os princípios apregoados por Le Corbusier - o *pilotis*, o *jardim suspenso*, a estrutura independente, a fachada de vidro e o *brise soleil* - foi concebido com as novas tecnologias, por um grupo de jovens arquitetos investidos de consciência sócio-cultural e realizado aqui antes mesmo de os norte-americanos empregarem as fachadas de vidro em



Casas Operárias Grand Couronne (1920)



Casas Operárias (1922)

seus arranha-céus. No Pavilhão de Nova Iorque Lucio Costa entendeu como oportuna a participação de Oscar Niemeyer no projeto e a composição resultou em uma obra-prima, correspondendo à expectativa internacional.

Menos referenciado - Monlevade - um projeto "rejeitado" da cidade operária para a Belgo-Mineira, em 1934, propunha habitações construídas sobre pilotis com ossaturas independentes e técnicas construtivas que incorporavam a mão-de-obra conhecida, no meio rural, como barro armado. As informações do memorial do projeto demonstram o alinhamento às teses do movimento moderno de inspiração corbusiana. No entanto, comparando com os desenhos dos conjuntos urbanos operários de 1914, 1922 e 1920 (Grand Couronne), Fruges/Pessac de 1925, as configurações de 1926, a casa Minimum e as Habitações Transitórias de 1944, bem como Roubais de 1953, é possível perceber nestas e na proposta de Lucio Costa aspectos analógicos e distinções: a centralidade conveniente do clube e da escola no baixo do vale e, em justaposição, sobrelevada, a pracinha; o cinema, mais próximo por vocação, o armazém, na distância da conveniência e a igreja, em sobreposição marcante por respeito; a cavaleiro, contornando a topografia do lugar, as casas estão implantadas soltas, geminadas duas a duas sobre pilotis, encadeadas e dominantes. O somatório de diferenças das condições ambientais e sócio-culturais gerou nesta proposta de Monlevade uma estruturação espacial com fisionomia diferenciada.

O reconhecimento da arquitetura

brasileira vem do fato de ter sido produzida aqui, em circunstâncias inusitadas de formação civilizacional, diante da especificidade ambiental deste lugar. Estas condições parecem ter gerado o ineditismo sócio-cultural com seus desdobramentos tecnológicos e estéticos inerentes.

Brasília superou qualquer expectativa. Surge efetivamente como síntese da cultura brasileira, interessante por ter sido uma realização plena: uma cidade-capital decidida, projetada e construída em 4 anos a partir de intenções políticas amadurecidas ao longo de 150 anos. Durante este período, e mesmo anteriormente, surgiram cidades novas onde nada existia antes - *ex nihilo*.

Em um período inferior a cem anos foram construídas outras capitais como Belo Horizonte e Goiânia. Após Brasília, Palmas, capital do novo estado do Tocantins, é a última dessas cidades.

Entretanto, ser um fato histórico desde o projeto envolve a precedência espaço-temporal, instituições políticas e civis, planejamento estratégico, uma localização possuidora de carga simbólica preexistente, e uma rara condição para a nova cidade-capital nacional. De Vitruvius (século I a.C.) a Le Corbusier, a escolha do sítio - suporte da obra - sempre foi considerada questão primordial: o lugar e o artefato construídos são indissociáveis na perspectiva da obra arquitetural.

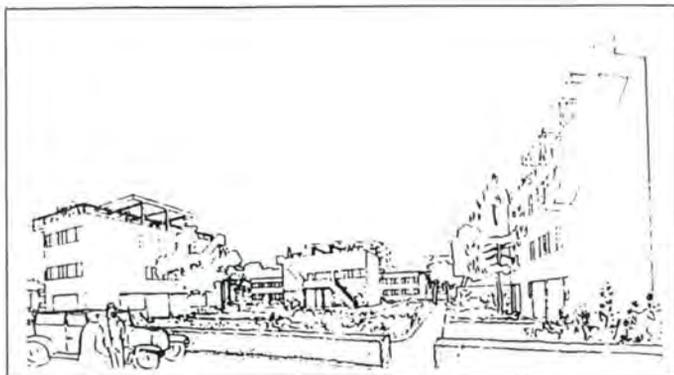
Entre as cidades projetadas que foram construídas, Brasília demonstra, por suas definições conceituais, uma história incomum de planejamento anterior ao projeto e à realização. Inicialmente, a definição estratégica da

região onde deveria ser implantada: a procura geográfica, as razões geopolíticas, continentais e nacionais. Posteriormente, a escolha situacional do Planalto Central, soberano em relação à geografia ondulada e plana, entre os Andes e o Atlântico; finalmente, com a localização do acidente incomum - o caro simbolismo das Águas Emendadas - como que distribuindo uma essência renovada de união, através dos caminhos fluviais que atingem os recônditos do país.

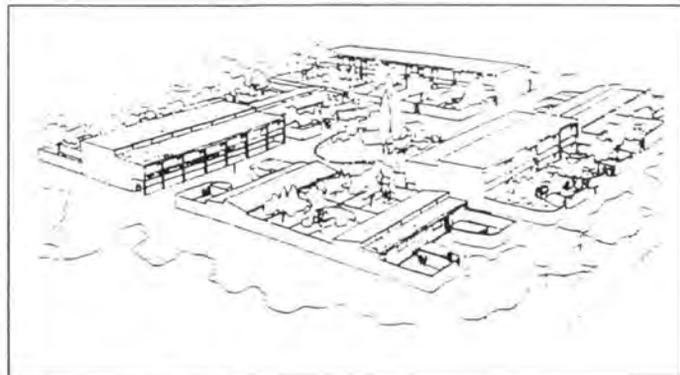
Dentro do retângulo do DF, a Bacia do Paranoá, côncava com o fundo convexo, ressalta o lugar suporte do plano piloto, o qual foi beneficiado nos baixos, com um lago artificial - uma recomendação do botânico e paisagista Glaziou, no final do século passado - a exatos 1.000m acima do mar como gesto de afirmação tecnológica de caprichoso rigor.

Lucio Costa, no Relatório do Plano Piloto de Brasília, referiu-se à necessária nobreza que deveria imbuir o espírito do urbanista. A concepção de seu projeto, neste sentido, garantiu a manutenção da sutil e rara condição do lugar escolhido, acentuando a dignidade devida a uma capital nacional. Seu projeto mantém a virtude da paisagem, elevando o espírito humano em relação à superação de seus limites no horizonte, tendo o infinito do céu como meta-distância: uma cidade acima de suas bordas, tendo a utopia como realização do desejo.

Assim, o plano piloto de Brasília foi concebido como um artefato devidamente ajustado ao seu suporte físico, constituindo-se - pelos processos



Cidade Frugès, em Pessac (1925)



Habitações Tipo La Rochelle

humanos de transformação da natureza - uma obra arquitetural. O projeto vencedor do concurso nacional para realização da nova capital completou 40 anos em 1997 e esta concepção, laureada, demonstra ter sido mesmo destinada ao seu suporte físico: a Bacia do Paranoá, paisagem e lugar escolhido para abrigá-lo. O desenvolvimento técnico do projeto original e a construção do conjunto urbanístico de Brasília renovaram a paisagem em harmonia com a natureza preexistente, e o resultado deste processo humano de produção tornou-se uma afirmação social, tecnológica e artística.

A qualidade de Brasília, como obra humana, deve ser compreendida desde a intenção mudancista até o momento harmonioso do artefato ajustado à natureza, favorecendo a apropriação pela sociedade e constituindo um feito arquitetural por excelência. Trata-se da "resultante convergente" (usando aqui o termo de Lucio Costa a que se referia de forma singela ao denominar sua Teoria das Resultantes Convergentes), da identidade brasileira e de sua universalidade, representando bem o pensamento, a obra e a vida de seu urbanista. Entretanto o plano piloto tem sido também cobrado, em função das respostas de sua proposta urbana, pelos efeitos diferenciados da pobreza e do acúmulo, diante dos quais o urbanismo já vem sendo muitas vezes desculpado.

Neste sentido Brasília possui aspectos incomuns sobre os quais refletir, pois é uma rara cidade, cuja predominância da parte residencial estando sobre pilotis, o chão (térreo) sendo a "calçada" - a tensão variável entre o público e o

privado - e uma correspondência excepcional: a raríssima distribuição eqüitativa de comércios pelo tecido urbano (Herbert, 1997). Esta dualidade é representativa em relação às transformações alcançadas nesta direção pelas sucessivas tentativas de democratização do solo urbano e de seu desempenho social. A experiência do Parque Guinle (RJ, anos 40) já ensaiava a proposta de extensão da habitação elevada, sem ser a rua interna concebida por Le Corbusier em suas unidades habitacionais. Em Brasília o pilotis é a área sombreada pelo pé-direito mais baixo e suas extensões na superquadra ampliam aquela dualidade do público e do privado. Diferentemente das unidades habitacionais francesas, com 17 andares - internalizando inclusive o comércio local -, os blocos de Brasília têm a mesma altura que as árvores desenvolvem e são mais próximos uns dos outros e do solo, sendo ambientados pelas massas verdes que caracterizam o plano piloto e suas superquadras. É uma escala residencial "inventada" para adequar-se à proporção cívica da capital, ao clima e à cultura daqui.

Em Brasília, o que corresponde à unidade habitacional de Corbusier é a superquadra e todo o prolongamento do cotidiano residencial: se completa do lado de fora da habitação, ao ar livre, ao contrário dos países frios. A conjugação de quatro superquadras religadas pelos equipamentos urbanos constitui uma unidade de vizinhança, gerando autonomia de serviços e a expressão política de uma população local entre 10 e 14 mil habitantes, irradiando sentimento e vida através da

continuidade encadeada de seu tecido.

Como Monlevade, Brasília tem feição própria. Comparada a Chandigar, capital do Punjab na Índia, projetada por Le Corbusier em 1952, as diferenças são de escala, proporção e significância.

O prof. Matheus Gorovitz, da FAU/UnB, faz referência aos comércios das novas cidades inglesas, exclusivos, dentro das unidades urbanas, enquanto em Brasília se constituem na estrutura viária da cidade, relacionando transeuntes, usuários e residentes.

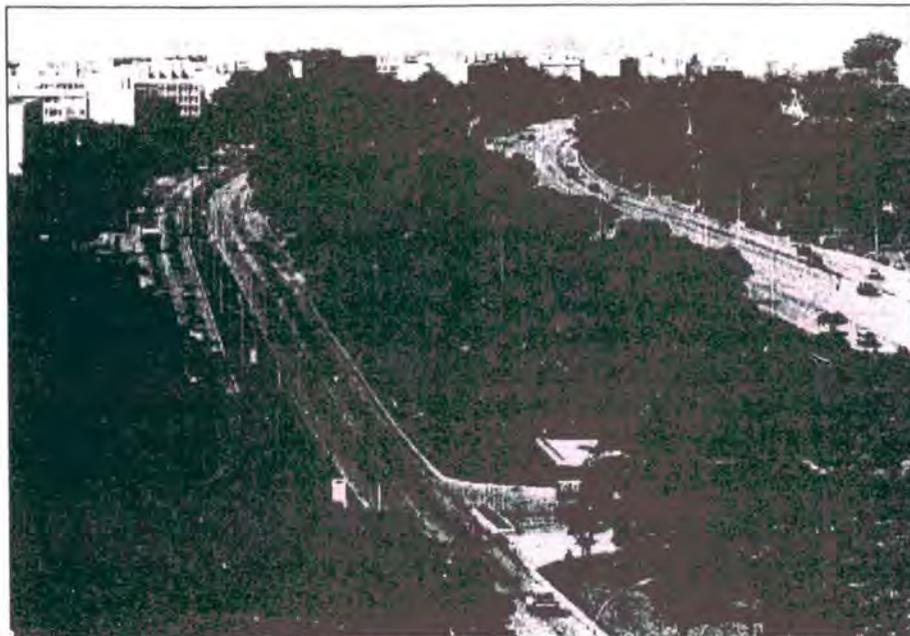
Os habitantes não são donos de "seu" pilotis-calçada, ou de "sua" superquadra, ou de seu "comércio local, porém usufruem como se donos fossem, porque pela natureza das coisas são moradores, portanto pertencendo - eles sim - a esta ou àquela superquadra e às suas extensões. A proximidade dos equipamentos e serviços promove uma atmosfera que foi comum em cidades com bairros e comércios tradicionais. Em Brasília são normais as contas nas padarias e quitandas, como são comuns certos hábitos pitorescos: "cadeiras nas calçadas", chimarrão nos gramados, quermesses dos santos da época e festas de largo, trazidas por brasileiros de todos os quadrantes; creche, escola, templo, delegacia, biblioteca, etc., tudo em um raio de 500m, como foi previsto no projeto original e executado nas primeiras partes construídas.

Receber uma população tão diferenciada é tão relevante (como dado do problema) quanto manifestar uma expressão cosmopolita já na inauguração, embora tivesse apenas 50.000 habitantes difusos. Uma dignidade inerente por ser a capital,

expressando a significância de sua monumentalidade como antídoto para as miudezas provincianas das novas centralidades “emergentes”. Monumental não por ostentação, mas pelo que vale e significa, nos termos e na sensibilidade de quem se investira daquela nobreza de intenções, possuidor de perspectiva histórica e universalidade: o inventor.

Para o recém-chegado a orientação geodésica evolui pouco a pouco com a apreensão do horizonte nos limites da Bacia do Paranoá, com os altos da topografia e os baixos do lago, aperfeiçoando-se com a percepção das referências cardeais. Posteriormente, as dominantes estruturais dão os sentidos do território urbano: a compreensão do Eixo Monumental - no sentido leste/oeste - com suas atribuições cívicas, relações públicas e oficiais; e do Eixo Rodoviário - no sentido norte/sul - atravessando a predominância residencial na ordem do cotidiano; outro nível de orientação é assimilado pelo encadeamento das superquadras e pelos símbolos referenciais principais como a Torre, o Congresso, os palácios, os prédios mais altos, os mais próximos, esta ou aquela rua comercial, a Rua da Igreja, a rua do templo budista, uma superquadra específica, o parque, uma alameda, uma árvore. Mas é bem diferente de uma cidade cuja apreensão da evolução topológica é essencialmente sintática.

Brasília - plano piloto - tem como conceituação o princípio urbano de suas quatro escalas: a monumental, a residencial, a gregária e a bucólica. Rebatidas na práxis do planejamento e levando em conta desde os parâmetros geográficos até a escala local, é possível refletir as coerências correspondentes entre o sócio-cultural em evolução e a potencialidade da Bacia do Paranoá, cuja compreensão objetiva é necessária para definir o desenvolvimento da cidade. Preservando as suas preexistências e seus valores permanentes, sua natureza e sua paisagem visual, é possível evitar o que ocorre na maioria das cidades entregues às pressões do mercado, cujos



Monlevade, Parque Guinle e Brasília (1956), as tradições sociais e tecnológicas do Movimento Moderno e a negação radical do “modernismo” já anunciada na década de 20. Uma arquitetura sem vocação para a submissão, onde a conceituação econômica importa, mas o humanismo é fundamental

resultados são conhecidos pelo inchaço, poluição, desequilíbrio entre a superpopulação e a insuficiência de infra-estruturas, etc.

Esta conceituação gera o instrumental para evitar o que ocorreu com o horizonte da capital mineira, que não pode ser classificado como belo, pois não é nem mesmo visível de dentro da cidade. A própria legislação que preserva a cidade como patrimônio da humanidade, partindo dos conceitos das quatro escalas, faz sua classificação (tombamento) ser diferente de outras cidades como Ouro Preto ou Varsóvia, onde o que é protegido é imutável: calçamentos, fachadas, telhados, janelas, etc. Aqui, tudo pode ser atualizado. Mesmo as concepções edificadas a partir de Oscar Niemeyer ou de Lucio Costa, embora nestes casos exijam a rigorosíssima atitude ética e técnica dos arquitetos restauradores; isto significa preservar a cidade através dos seus

conceitos urbanos, no que dizem respeito à proporção e ao modo de vida da cidade em relação à escala desta paisagem. A norma de preservação é um instrumento de defesa e de resistência, em face das investidas desestruturadoras que ocorrem pela invasão das áreas públicas - taxadas ou não pelas estratégias de descontrole, descrédito e superação dos códigos de postura e de obras, pela crônica e ameaçadora deficiência dos transportes coletivos e pela publicidade desenfreada em diversas formas de poluição visual; enfim, pelos despropósitos conjunturais e pelas exigências de interesses setoriais.

Como o seu autor, Brasília é ainda insuficientemente conhecida e os experimentos apreendidos nesta cidade podem permitir desenvolvimentos de novos umbrais.

Lucio Costa, no registro arquitetural de sua vida, produziu um memorial de conhecimentos, assimilados em suas plenitudes conceituais. Brasília é a resultante prática, onde podem ser distinguidos valores estéticos, contextuais e universais.

O desenho do anteprojeto do plano piloto gerou peças historiográficas fundamentais, entre estas os croquis da Esplanada dos Ministérios e da Praça dos Três Poderes, de rara qualidade, que são referenciais precursores do desenho urbano. São referenciais de

reconhecimento, pela simplicidade com que sintetizam a modificação do sítio através da “técnica milenar dos terraplenos” e de como propõem, através da simulação graficada, as definições das tipologias edilícias para a torre do Congresso com sua cúpula e com o elemento relevante do paisagismo, o Fórum Le Corbusier; definições complexas, já presentes nos desenhos do urbanismo. Toda a configuração é surpreendente pelos espaços públicos justapostos em níveis diferentes - como em Monlevade, guardando as diferenças de escala e proporção - a Praça dos Três Poderes e a Esplanada concebidas como uma composição clássica de latente simetria, nos termos de Luigi (1980).

É compreensível o mea-culpa tardio praticado por quantos assumem a insuficiência de aprofundamentos sobre a obra e o pensamento de Lucio Costa, embora a maioria destas sinceras contrições sirvam, algumas vezes, para escamotear a distância cáustica das matrizes do conhecimento. Em verdade estavam desde cedo afinadas com o neoliberalismo ideologizado dos anos 70, em reação às pressões político-sociais da

década anterior - a famosa década de 60 - coerentes com as teses dos arquitetos engajados no Movimento Moderno.

As compilações, as matérias veiculadas pelos principais meios de comunicação e as manifestações oficiais, em nada comparáveis às grandes comoções nacionais pelo falecimento de esportistas, artistas, cantores e mesmo políticos evidentes, no caso de Lucio Costa foram tão comedidas quanto o discreto sepultamento realizado pela família, levantando reflexões quanto aos valores da cultura brasileira.

Brasília e seu inventor não estão, portanto, suficientemente discernidos. A cidade síntese cultural, seus subprodutos e os registros da vivência e da obra de Lucio Costa vêm gerando dividendos multiplicadores. São como os estudos e propostas para a proteção patrimonial de Brasília transformados em normas legais de preservação, baseadas nos princípios das quatro escalas. Em verdade a cidade poderá ser preservada pela vontade de seus cidadãos e pela qualidade inicial da proposta urbana.

O raciocínio desenvolvido para a preservação do plano piloto poderia ser aproveitado em outras cidades. Planejar,

insistindo em avanços incrementais, é cauteloso, todavia perigoso, quando não insuficiente, em face dos contenciosos sociais em escala nacional.

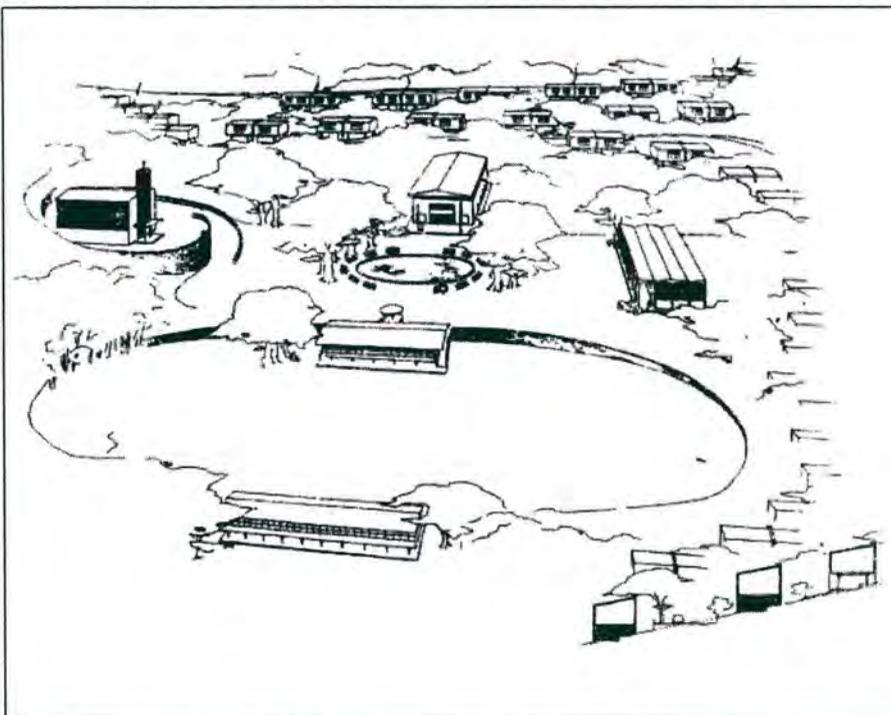
No momento em que a humanidade decidiu, por intermédio da Unesco, proteger Brasília fazendo dela um patrimônio mundial, surgiu um subproduto do projeto histórico, instrumento indispensável à preservação qualitativa das moradas humanas em face das paisagens constitutivas da memória e da identidade. Tomando como ponto de princípio o conceito das quatro escalas adotadas por Lucio Costa, é possível prever, considerando-se a dualidade espaço-tempo, a paisagem urbana e sua evolução saudável em relação à paisagem preexistente. Tornase, assim, compreensiva a relação de proporção entre a escala do artefato humano em evolução e a natureza, potencialmente limitada, sem com isso interditar as reciclagens necessárias ao crescimento da cidade.

Sendo ela monumento histórico, ou mesmo que não o fosse, Brasília representa o reencontro da cidade com a natureza, como faz referência Marçílio Ferreira (1995). Lucio Costa coloca através da cultura brasileira uma temática para o futuro do mundo, embasada nos registros históricos que a humanidade começou a perceber antes de nós. Em compensação, para nós, a Modernidade iniciou-se efetivamente em 1500, notadamente pela fusão etno-cultural, que talvez tenha permitido uma arquitetura própria com as novas “ordens” dos palácios de Brasília e com esta “cidade ideal”, questões que alhures sempre foram, naquelas formações, teorias ou utopias.

Lucio Costa representa um instantâneo da cultura brasileira com o registro da perspectiva insólita de nossos valores históricos originais, revelando o sentido de nossa formação civilizacional inédita.

Cláudio José Pinheiro Villar de Queiroz

- ex-diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e ex-integrante da equipe de Niemeyer - é arquiteto, professor de projetos da FAU/UnB e diretor do Ceplan (Centro de Planejamento da UnB).



Os objetivos sociais semelhantes, os princípios tecnológicos análogos, mas nos resultados os “nítidos traços diferenciadores” (Graeff) denotam a arquitetura inventada para natureza, povo e cultura incomuns